



♦Obra póstuma de ANTOINE SAINT-EXUPÉRY, onde se reúnem trechos de reflexão política de grande originalidade. Aí se criticam os preconceitos dominantes do positivismo, segundo o qual, *a ciência só abrange aquilo que se repete.*

♦Salienta também: *Sei perfeitamente que o erro não é o contrário da verdade, mas sim um arranjo diferente, um outro templo construído com as mesmas pedras, nem mais verdadeiro nem mais falso, mas sim outro.*

♦Pela metáfora, retoma o conceito espiritual da polis: *não se morre por carneiros, nem por cabras, nem por lares, nem por montanhas. Os objectos subsistem, sem necessidade de lhes sacrificar seja o que for. Mas já se morre para salvar o invisível laço que os liga uns aos outros e os transforma em propriedade, em império, em rosto conhecido e familiar. Por essa unidade já uma pessoa se troca, porque morrer também é construí-la. A morte paga graças ao amor.*

♦Acrescenta: *Eu vo-lo afianço: a torre, a cidade ou o império crescem como a árvore. São manifestação da vida, porque precisam do homem para nascer. E o homem julga calcular. Julga que a razão governa a erecção das pedras quando a erecção dessas pedras nasceu, mas foi do desejo dele. E a cidade está contida nele, na imagem que ele leva no coração, da mesma forma que a árvore se contem na semente.*

♦Quanto às divisões intestinas da cidade, observa: *as crenças opunham-se todas umas às outras. Como só construíam igrejinhas, odiavam-se umas às outras, por terem o costume de tudo dividirem em erro e verdade. O que não é verdade é erro e o que não é erro é verdade.*

♦Porque: *Se andares em luta contra seja o que for, deves aniquilar-te a ti próprio, porque sempre existe em ti ao menos uma pequena parte daquilo contra que lutas.*

